

Juventude e grafite de muros: discursos, sociabilidades e a ação educativa das cores na cidade

Marcelo da Silva Araujo

Resumo: Objetivando realçar uma reflexão sobre os conceitos de cidade, cultura, juventude e imagem artística do grafite, o artigo discute as práticas e formas de associação de grafiteiros de muros de São Gonçalo/RJ. Baseado em minha dissertação de mestrado, intitulada *Vitrines de concreto na cidade: juventude e grafite em São Gonçalo*, as conclusões aqui apresentadas destacam, através de uma abordagem etnográfica, a heterogeneidade dos jovens observados e a consequente pluralidade de estilos e de comportamentos.



Figura 1: Grafiteiros em ação. Clube dos Portuários/RJ. Acervo pessoal.

A população brasileira concentra-se majoritariamente nas cidades. Nelas se desenvolvem as principais atividades econômicas, construindo assim uma relação de interdependência entre todos. Logo, é natural que as pessoas expressem suas ideias e crenças e, muitas vezes, isto ocorre através dos suportes públicos: *outdoors*, paredes, no chão e nos muros. Tais manifestações podem ser então consideradas artísticas quando portam um sentido de embelezamento, de criatividade e, é claro, resultam de um consenso mínimo sobre o que significa arte. O grafite de muros é uma destas manifestações urbanas. Ele tem ligação com o universo de seus jovens criadores, cuja intenção é comunicar um conteúdo, é informar.

Como formas de cultura visual encontram-se marcadamente presentes em nosso cotidiano, assim é a vida moderna nos penetra pelos sentidos. Nestes canais de percepção do mundo, os olhos são os mais acionados, sofrendo o assalto contínuo da proliferação das imagens.

Este artigo reflete sobre as práticas de jovens grafiteiros de muros de São Gonçalo/RJ e suas conclusões estão melhor desenvolvidas em “*Vitrines de concreto na cidade: juventude e*

grafite em São Gonçalo”, elaborada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ (Araujo, 2003). Assim, objetivo aqui alinhar discussões sobre o papel da cidade, da cultura, da juventude e da imagem artística do grafite no campo pesquisado, originalmente elencadas a partir de uma abordagem etnográfica com os grupos direta (grafiteiros) ou indiretamente participantes da manifestação em foco (o que eu chamei de *contratadores do grafite* mas também com os *populares* que tomam contato visual com as pinturas).

“Andando na cidade”: breve caracterização do campo e dos grafiteiros

O município de São Gonçalo afigura-se como um espaço geográfico ao mesmo tempo rico em recursos agrícolas, como a horticultura e a fruticultura, e carente em relação a diversos campos da vivência diuturna de seus habitantes. Faltam aparelhos de lazer e de entretenimento (teatros, cinemas, praias, parques e áreas verdes) e veículos de educação e cultura formais ou informais (rádios comunitárias, projetos institucionais de caráter educativo e cultural, ONG’s), que poderiam funcionar como espaços populares de expressão e de intercomunicação.

Considerando sua história recente (a partir de 1955, em que se iniciam, de maneira mais acelerada, práticas urbanizadoras), verifica-se que o contorno da cidade teve seus vários pontos ligados a partir das linhas de bonde que lhe cruzavam o território. Partindo da cidade vizinha, Niterói, para o atual centro de São Gonçalo, esse sistema de transporte permitiu o deslocamento da população por uma ampla faixa geográfica dentro da cidade, possibilitando-lhe acompanhar as transformações do espaço urbano e a mudança progressiva de sua visualidade (Braga, 1998).

Deste modo, o perímetro urbano começa a ter o seu desenvolvimento mais visível na primeira gestão do prefeito Joaquim de Almeida Lavoura (1955-1959). Esta importante personalidade administrativa local realizou profundas transformações e melhorias (tais como abertura de estradas, saneamento, construção de hospitais, entre outras) no espaço urbano da cidade. Estas transformações desenvolveram mais intensamente as atividades comerciais, proporcionando o surgimento de vários bairros.

O grande crescimento sem controle fez com que toda a malha urbana, já nesta época densamente ocupada, se expandisse ao longo dos terrenos disponíveis, normalmente não dotados de infra-estrutura e serviços públicos. Tudo isso culminou com o fato de que São Gonçalo, a partir da década de 1960, deixou de possuir área rural, tendo, por efeito, o desaparecimento de espaços vazios e de lazer (Deliberação nº 370, de 10 de dezembro de 1962). Atualmente, a

carência de um visível ordenamento urbano e espacial para o lazer influencia na apresentação visual da cidade, no sentido das manifestações humanas individuais ou grupais em seus suportes e às formas desse uso.

Assim, acompanhar um grupo urbano que se manifesta neste ambiente significou conhecer de indivíduos que, embora próximos geograficamente, estão distantes quanto aos hábitos e comportamentos. Tal situação configurou, para mim, um paradoxo. Isto é, o de tentar tornar o que parece habitual e “normal” em estranho, exótico, através da pesquisa, podendo deste modo captar seus discursos quanto à própria produção e quanto ao ambiente que a abriga: a cidade.¹

A partir daí, o universo alcançado por aquela pesquisa se formou por dezessete grafiteiros, com idade até 25 anos e moradores, com exceção de apenas dois, do próprio município, conforme o quadro abaixo:

| Nome | Idade | Reside em que bairro | Escolaridade | Trabalha (S/N) | Em que |
|--------|-------|----------------------|--|----------------|--|
| Max | 21 | Barro Vermelho | Cursa graduação em Desenho Industrial | S | Trabalha como <i>office boy</i> |
| MIB | 18 | Barro Vermelho | Ensino Médio supletivo (em curso) | S | Trabalha como <i>office boy</i> |
| Goaboy | 19 | Boassú | 1ª série do Ensino Médio (em curso) | N | - |
| Grilo | 19 | Covanca | Ensino Médio supletivo (em curso) | N | - |
| Pingo | 17 | Salgueiro | 8ª série | N | - |
| Fênix | 20 | Santa Catarina | 1ª série do Ensino Médio (em curso) | S | Produtos ligados ao grafite: serigrafia em camisas, pinturas, painéis, etc. |
| Gasp | 19 | Santa Catarina | Ensino Médio incompleto (interrompido) | S | Serigrafia, <i>tattoo henna</i> , etc. |
| Babal | 25 | Covanca | 2ª série do Ensino Médio (em curso) | S | Músico de pagode, transporte escolar, serigrafia, pintura e mecânica de autos. |
| Bula | 20 | Neves | Ensino Médio completo | S | Agente de saúde |

| | | | | | |
|---------|----|---------------------|---|---|--|
| Bagdá | 25 | Zé Garoto | Ensino Médio completo | S | Comerciante |
| Remo | 18 | Baldeador (Niterói) | Ensino Médio completo | S | Tattoo e serigrafia |
| Agente | 22 | Neves | 2ª série do Ensino Médio (em curso) | N | – |
| Akuma | 20 | Barreto (Niterói) | 2ª série do Ensino Médio (em curso) | N | – |
| Mutante | 25 | Santa Catarina | Ensino Médio completo | S | Inspetor de alunos |
| Eco | 21 | Laranjal | 1ª série do Ensino Médio (interrompido) | S | Instrutor de grafite e serviços gráficos |
| Ema | 25 | Alcântara | Ensino Médio completo | S | Instrutor de grafite e designer gráfico |

Percebe-se, por esta distribuição e pela consideração do território do município, que há representatividade dos mais distintos pontos da cidade. Isto significa que cada sujeito leva, para sua associação com outros, uma bagagem heterogênea com respeito às vivências junto aos seus grupos originais de sociabilidade (amizades de rua, de escola etc.).

“Preto no branco”: origens monocromáticas e fontes temáticas

Como prática que suprime e substitui a forma específica e mais elaborada pela linha e pelo desenho simples e geralmente incompreensível, a pichação foi a maneira mais comum de intervenção urbana consumada pelos informantes.² Esta, enquanto prática de inscrição gráfica de grande visibilidade no âmbito público, onde o maior número de pessoas possa ver, apresenta-se como uma forma de comunicação hermética constituída pelas “galeras”. Corporifica uma linguagem visual rebelde e avessa às práticas de conservação do patrimônio público e privado, sendo rotulada como vandalismo. Na pichação, busca-se um tipo de fama com a qual o praticante se defronta apenas intragrupalmente.

Mas é ao procurar efetuar a reprodução das imagens constantes em periódicos (revistas musicais ligadas ao estilo *rap*, revistas de jogos eletrônicos, histórias em quadrinhos, entre outras) que o grafiteiro começa a direcionar de modo mais visível e elaborado, se comparado à pichação, um processo de aprendizado autodidático que vai consolidar sua prática, através dos constantes exercícios.

A busca pela reprodução a mais aproximada possível das imagens observadas sugere a importância do treino e da constância como maneiras de dominar o estoque imagético do qual o grafiteiro se utiliza. O gosto pelo desenho, como prática que o acompanha desde a infância, parece ser sua principal característica – além de ter, por vezes, um efeito terapêutico, espécie de “válvula de escape”, para os problemas pessoais.

No universo do grafite e de seus praticantes, o termo *desenho*, muito presente nos discursos proferidos, não se restringe à reprodução estilizada de figuras humanas - ou *bonecos*, como dizem -, mas também se compõe de letras. As letras, muitas vezes, são tão ou mais valorizadas quanto as expressões figurativas, conquistando uma expressividade de bastante relevância no universo pesquisado.

Processo de aprendizado: o formal e o informal como aspectos educativos

Como prática que se manifesta desde a infância, o exercício do desenho nos mais variados suportes tem, evidentemente, uma significativa, mas não determinante, contribuição do aprendizado formal escolar, enquanto etapa habitual da construção dos conhecimentos dos jovens grafiteiros. Porém, concorre também para esse processo a oferta imagética de diversos ambientes em que múltiplas expressões gráficas podem ser exercitadas com direcionamento e finalidades específicas.

O exercício dessas inscrições sígnicas curiosas na cidade é, historicamente, como que uma derivação tardia de todo o trabalho dos grafites estadunidenses ao criarem uma espécie de anonimato que participa. São Gonçalo, reconhecidamente um dos mais tomados por estas inscrições, serve de palco aberto e quase plenamente acessível. Tais intervenções parecem buscar espaços não tutelados, onde se possa gravar um tipo de discurso, ainda que limitado e restrito.

Para muitos grafiteiros entrevistados, a pichação, enquanto forma de expressão, surge para tentar cobrir a ausência de outras formas de expressão no âmbito público, reflexo da falta de investimento institucional. Promotora, ao mesmo tempo, de laços de sociabilidade e de discórdia e disputas entre grupos organizados, ela não pode ser considerada uma condição prévia para a atuação no grafite – um “degrau evolutivo”, como quer o senso comum. Deste modo, apesar de toda a retaliação à sua prática, ela torna-se direta ou indiretamente a principal via para o grafite entre os informantes de São Gonçalo.

Este aprendizado, geralmente informal e baseado em observações e em diversas tentativas, é o fator de aproximação e de identificação entre os grafiteiros. O aprendizado da rua é

muito valorizado como coisa espontânea, possibilitando uma arte alternativa na qual eles são os “mestres da pintura”, como o foram um dia Michelangelo e Da Vinci, para citar dois nomes lembrados.

As ruas de bairro poderiam traduzir o como se adquirem as formas de aprendizado e de viver, mas também de conceber e de imaginar, metaforizar o tecido social e o uso do espaço. A rua e as sociabilidades que contém permitem, simultaneamente, um aprendizado (visual) e um exercício, uma apropriação de seu espaço a partir de uma forma visual da ocupação simbólica.

Mas, paralelamente ao aprendizado da rua, há aqueles que adquiriram as suas primeiras noções a partir de canais de comunicação de massa, veiculadores de produtos culturais industrializados como os filmes e desenhos provenientes dos Estados Unidos e Japão.

Bem como ocorre com os temas escolhidos para a produção de uma pintura, os canais de aprendizado dessa juventude são fortemente influenciados por veículos remotos de comunicação. Não somente os filmes e desenhos animados têm seu peso, mas também os *videoclips* musicais e os meios virtuais (internet) transformam-se num manancial imagético. As histórias em quadrinhos, com suas personagens de vilões e heróis, embora sejam uma outra fonte de aprendizado, perdem terreno, como indício da acelerada tecnologização moderna, para as outras mídias não tangíveis.

Considerações finais: grafite e educação, uma interação pedagógica a partir da cultura visual urbana

Educação é uma palavra-chave para o movimento *hip hop*, do qual o grafite faz parte. Mas essa educação não se refere àquele processo formal e institucional estabelecido e com hierarquias, mas sim àquela construída nas ruas, no contato humano informal, não-estratificada, segundo as bases da “cultura da rua”.

Neste sentido, em que o aprendizado escolar é colocado em segundo plano, privilegiando-se o aprendizado das ruas, junto às turmas e galeras, é que se tornam significativas as discussões e mesmo a manifestação do grafite dentro do universo escolar.

As pinturas observadas em São Gonçalo apresentam-se como manifestações progressivamente incorporadas por algumas instituições da cidade, entre elas a escola. Elas emergem como índices de novas práticas juvenis no espaço urbano. Práticas paralelas à vivência da escola, que convivem com ela, mas que, por não se encontrarem inseridas em seu conjunto de preocupações formais e programáticas, fogem ao seu escopo.

O grafite, penso, pode e deve ser percebido não somente como mais uma expressão da juventude contemporânea. Mais do que isso, deve ser considerado também, e principalmente,

como possibilidade de socialização e como estratégia pedagógica, cujo conteúdo do trabalho parte dos próprios produtores.

Cabe, portanto, que lhe seja impressa uma abordagem não-diretiva, rígida e pensada de antemão. Por outro lado, a valorização do universo simbólico e das práticas discursivas dos jovens atores urbanos, na apreciação de sua perspectiva de crítica social, ideológica e de seu posicionamento político quanto às questões que se põem como ordem do dia a nível local e/ou transnacional, serão bem trabalhadas se visualizadas em sua riqueza criativa e valor intrínsecos.

A escola pode, enfim, capitalizar esta expressão que nasce dos próprios alunos, de suas vivências e experiências, emprestando o seu espaço para a discussão acerca dos conteúdos e/ou para a prática do grafite enquanto exercício expressivo. O uso instrumental do grafite, no sentido de inibir a pichação, coloca-se como uma resultado benéfico de sua atuação.

Sem operar um reducionismo irreal e esquemático, creio que ao efetuar a associação do grafite à arte pode ser vislumbrada uma possibilidade efetiva de aproximar os jovens da escola, procurando reduzir a evasão e potencializando a promoção da conservação de seus espaços internos e externos.³

Ações como oficinas, *workshops* e atividades dirigidas de artes plásticas podem ser incentivadas através da prática da grafiteagem. De modo construtivo, possibilitam uma inserção profissional, além de constituírem-se como produto artístico, exercitando uma postura crítica e uma consciência cidadã.

O grafite possibilita uma ação educativa. Com ela, esta linguagem contemporânea ligada ao universo jovem, pode criar e promover informação com suas imagens, formas e textos. Impactando com sua expressão visual multicolorida, o grafite de muros se impõe como um importante canal de comunicação informal, contribuindo de maneira qualitativa para a construção do espaço visual da cidade, em seu alcance pedagógico-educativo, oferecendo-se gratuita e livremente para os seus praticantes.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Marcelo da Silva. **Vitrines de concreto na cidade: juventude e grafite em São Gonçalo**, RJ, EBA/UFRJ, 2003. Dissertação (Pós-Graduação em Artes Visuais), 224p, il.
- BRAGA, Maria Nelma Carvalho. **O município de São Gonçalo e sua história**, 2ª ed., São Gonçalo, Falcão, 1998.
- FORTUNA, Felipe. A maldição do grafite. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 18/09/1988.
- MAFESOLI, Michel. O poder dos espaços de celebração. **Revista Tempo Brasileiro**, RJ, nº 116, jan.-mar.1994.

- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, SP, vol. 39, nº 1, 1996.
- ROSE, Tricia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e cidade pós-industrial no hip hop.
- HERSCHMANN, Micael (org.). **Abalando os anos 90 - funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural**, RJ: Rocco Artemídia, 1997.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica - objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**, RJ: Zahar, 1978.

¹ A propósito do exótico e do familiar no ambiente urbano, Velho (1978, pp. 39s), diz que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido. Há, sem dúvida, cenários e grupos dentro do próprio país ou até dentro da própria cidade de que muitas vezes nem ouvimos falar, que não são temas dos órgãos de comunicação de massa, às vezes por censura, muitas vezes por simples desconhecimento”.

² Quanto à designação *pichação*, Fortuna (1988) traz uma contribuição interessante sobre a etimologia da palavra: “Em inglês, *pitch* significa betume ou piche. Porém, significa sobretudo qualquer lugar na rua em que um vendedor anuncia os seus produtos ou um artista de rua mostra seu talento. O verbo pichar, por sua vez, não refere *criticar, espinaftrar, maldizer...*” (grifos no texto).

³ Verifiquei que o corpo discente de uma escola, que regula idade com os grafiteiros, tende a se identificar com a estética e as temáticas juvenis das pinturas, sendo seduzido para a prática de algum tipo de trabalho ligado às artes, motivado pela presença das telas de grafite.